

Religião do Ego

— A ética da comunhão integral —

PARA LER E MEDITAR DURANTE A SEMANA

| | |
|---|--|
| S | Justiça, humildade e amor — Um resumo de justiça dado por Miquéias (Mq 6. 6-8). |
| T | Fazendo ao próximo o que queremos para nós — Resumo de justiça dado por Jesus (Lc 6. 27-31). |
| Q | A justiça é orientada para o próximo — Um resumo de justiça dado por Tiago (Tg 1. 27). |
| Q | Evangelismo eficiente não é garantia de religião autêntica (Mt 23. 15). |
| S | A justiça do homem e a justiça de Deus no homem (Lc 18. 9-14; I Sm 16. 7). |
| S | Nos lábios, mas longe do coração (Mt 15. 1-9). |
| D | A “justiça” que glorifica o ego (Mt 18. 9-12). |

Textos básicos: Mt 5. 17-20; Tg 1. 22-27; Sl 15.

Por que você deve dar esta lição

Desequilíbrios são freqüentes nas mais variadas expressões de fé. Professor, esta lição analisa o comportamento dos escribas e fariseus com referência à religião e ao modo de aplicação da lei no cotidiano. Ela é urgente porque estamos sob o constante risco de cumprirmos a lei sem nos importar com o espírito da lei. Cada vez mais se vê a prática de um Cristianismo sem comunhão com o mundo ao nosso redor. Mas quando existe esta relação social, a justiça do reino é quase nula. Eis aí a hipocrisia!

Objetivo da Lição

A religião íntegra está voltada para Deus, através de uma comunhão equilibrada entre o preceito (doutrina), a experiência e a ação (relações sociais). A religião que glorifica o ego despreza o próximo e sufoca a justiça.

Leitura Sugerida

O Sermão do Monte, Martyn Lloyd-Jones (FIEL); *O Poder da Integridade*, John MacArthur Jr. *Sociedade Sem Pecado*, John MacArthur; *A Redescoberta da Santidade e Religião Vida Mansa*, ambos de J.I. Packer; *O Cristão e a Cultura*, Michael Horton; *Como Viver e Agradar a Deus*, R. C. Sproul; *Comentário de Mateus*, William Hendriksen, vol. 1, (Cultura Cristã); *Ouçã o Espírito Ouça o Mundo*, John R. W. Stott (ABU); *Bíblia de Estudo de Genebra (SBB & Cultura Cristã)*; *O Livro dos Salmos*, João Calvino; (Paráclitos).

Panorama da Passagem

Mt 5. 17-20 — A justiça requerida por Jesus é nada menos que a completa conformidade com a santa lei de Deus (cf. Mt 22. 34-38, especialmente o v. 38) em tudo quanto a pessoa é e faz. Tal justiça significa que o coração, não só os feitos externos, estão certos, sim, certo como o próprio Deus vê. Além disso, a justiça é dada por Deus, aqui, só em princípio; no porvir, será dada em perfeição. Ao contrário, os escribas e fariseus aceitavam uma justiça que consistia num cumprimento externo, e criam, ou fingiam crer que por meio de um esforço enérgico poderiam atingir seu alvo, e que de fato estavam em vias de sua realização. É natural que Jesus reúna, num só grupo uma profissão (os escribas) e uma seita (os fariseus). Os escribas eram os expositores e mestres do Antigo Testamento. Os fariseus eram aqueles que tudo faziam para que todos cressem que eles eram obedientes aos ensinamentos dos escribas (William Hendriksen, *Comentário de Mateus*, p. 412).

Salmo 15 — Davi dirige a Deus a pergunta: Quem habitará no teu tabernáculo? Ao mesmo tempo em que olha para o local de adoração apinhado de pessoas. No entanto, o verdadeiro cidadão dos céus é aquele cuja vida está condicionada à prática da integridade na comunhão com Deus, nos negócios (vida pública) e na vida pessoal. Porque templo cheio não impressiona a Deus. Mas a justiça, sinceridade e a boa reputação são características vitais dos verdadeiros cidadãos dos céus, cuja adoração não está colaborando com a hipocrisia.

INTRODUÇÃO:

Professor, tenha liberdade para usar outra introdução sempre visando o estímulo do aluno. Você pode perguntar aos alunos sobre eventos do cotidiano que eles classificam como **profano** ou **sagrado**. Use o quadro separando duas colunas, uma para Profano, outra para

A Reforma Protestante também foi a reforma da noção entre o *sagrado* e o *secular*. As duas concepções éticas distintas (sagrado e comum), como duas linhas paralelas, se mantinham separadas no comportamento da Igreja medieval. A religião oficial dos brasileiros não mudou em nada quanto ao conceito do secular e comum desde a idade média. É possível manter vícios e concepções de vida pagãos e; ainda assim, tomar a hóstia da mão do bispo. Quando falamos que os reformadores fizeram a distinção correta entre o santo e o trivial, estamos afirmando que eles separaram um do outro? A resposta é: Sim e não! É sim se pensarmos que fomos redimidos do mundo para sermos santos, porque Deus sempre separa para uso exclusivo as coisas ou pessoas que escolhe. “Não” se tivermos como foco o princípio bíblico de que ainda permanecemos no mundo para sermos sal e luz, como Jesus afirmou. Não podemos pensar numa propriedade mais genuína do sal senão a de preservar a matéria da podridão. Assim como não conseguimos pensar na propriedade mais natural da luz senão a de dissipar as trevas. É preciso fundir os dois princípios éticos (do sagrado e comum) a fim de que nossa religião não se torne egoísta e hipócrita.

Egoísta porque, sendo ela separatista, se assemelha à religião dos fariseus; e, hipócrita porque se contenta com o verniz da superficialidade ignorando que Deus se importa com o cerne da religião alcançada pela comunhão profunda atingindo tanto o sagrado quanto o comum.

I. O SENSO DE RELIGIÃO E O SENSO DE DIVINDADE

A palavra *religião*, embora de etimologia discutível, em grande parte dos dicionários, provém de *ligação* (do latim *religare*).¹ As expressões místicas mais variadas sempre têm a ver com a tentativa de *ligação* a alguma divindade. A necessidade desta ligação do homem a alguma divindade pode ser explicada da seguinte forma: Os homens carregam uma marca divina em sua alma. Isto está patente em Rm 2. 15. Paulo está falando dos gentios assim: “*pois demonstram que as exigências da lei estão gravadas em seus corações*”. Calvino chamou esta lei gravada no coração do homem de *senso de divindade*. Este *sentido de religião* não leva, necessariamente, o homem à plena convicção de que há um único Deus Iavé governando o universo. A centelha divina na alma do homem também não é capaz de dobrar sua vontade à do Criador, mas é capaz de manifestar na consciência humana que há um ser superior que trouxe à luz tudo o que existe. Algumas *sementes da justiça* são plantadas no homem que o fazem discernir entre o certo e o errado, a ponto deles reprovarem o adultério, o roubo, desonestidade, etc; e isto é um senso-comum independentemente da religião que ele sirva. Mas o *senso de divindade* vem como o resultado daquela marca indestrutível que Deus coloca no homem quando do seu nascimento e ele está ligado ao conhecimento prévio que o homem têm da revelação geral, mesmo que o senso da divindade tenha sido carimbado em sua alma ainda no ventre materno. Por causa destes dois sentidos de propriedade divina, colocados no homem desde a sua concepção no ventre materno não há ser humano que não seja religioso. Todos carregam a imagem do Deus Criador na alma. Embora o homem busque expressar esta religião de várias maneiras que diferem (idolatria, panteísmo, xintoísmo, etc) da única forma aceita por Deus, o monoteísmo; é certo que somos inerentemente religiosos (At 17. 22). A idolatria é o senso de religião e da divindade distorcidos (At 17.16-34). É comum vermos pessoas cultas usando uma pedra como talismã (na religião esotérica que é uma mistura de ocultismo e panteísmo), no entanto, a inteligência delas não é capaz de refrear esta atitude brutal por causa da natureza corrompida pelo pecado que atingiu, inclusive a inteligência humana.

II. DISTORÇÕES DA RELIGIÃO

As expressões religiosas, nos mais variados meios culturais, diferem em pelo menos duas concepções principais: a concepção regenerada e a concepção do homem natural. Dos que são salvos pela graça através de Cristo (religião cristã) e dos que tentam salvação pelas obras sem a medição de Cristo (religiões não-cristãs). Só o homem regenerado terá uma compreensão correta da comunhão genuína. Uma vez que houve regeneração a religião será canalizada pelos dutos da integridade a partir da correta interpretação dos meios ordinários exigidos por Deus para que o homem se aproxime dele. Mas o homem natural nem mesmo *tateando* consegue encontrá-lo (At 17. 27); apesar de não estar longe dele (At 17. 27b). O verbo *tatear* aqui denota o apalpar hesitante como de um cego, visto que o pecado segou a consciência (ou entendimento) dos incrédulos para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo (2 Co 4. 4). Paulo fala do *deus deste século* — apontando para o Diabo que mantém a verdade encoberta da compreensão dos que estão perecendo, por isso eles continuam cegos e ignorantes quanto à verdadeira religião (2 Co 4. 3, 4). Não é à toa que as distorções através idolatria têm bastante a ver com o feito (as mãos), mais que a *compreensão* (Is 2, 8; 31.7; 37. 19; 40. 20). No entanto, a consciência humana impregnada pelo pe-

Professor, mostre que Êxodo 20. 4 regula o que deve e o que não deve ser apresentado a Deus quando cultuamos. Até mesmo a imagem do próprio Deus foi proibida por este mandamento, porque Ele é Deus invisível e dar a Ele uma forma inventada pelo homem é profanação. Este princípio regulador é muito importante para o contexto das igrejas atuais, porque passamos por uma séria crise na forma de culto em grande parte das igrejas evangélicas. Desafie os alunos a refletirem a tão conhecida frase: “Se é sincero, então é de Deus!” quanto à adoração. Em seguida pergunte a opinião de cada um concluindo com a orientação correta. Só com a pergunta: A quem é dirigido o culto? Já é possível detectar vários “fogos estranhos” (Lv 10. 1) nos cultos de muitas igrejas impulsionados pelos sentimentos humanos em

¹ Grande Enciclopédia Larousse Cultural, (São Paulo-SP, Nova Cultural, vol. 20) p. 4978.

cado coordena as ações do homem na confecção de ídolos à sua semelhança. Neste sentido, em dias atuais a adoração nas expressões de fé evangélica, está sob ameaça de prestar um culto à semelhança do gosto pessoal. É preciso constante vigilância do princípio regulador dado à igreja através do segundo mandamento (Ex 20. 4. Leia o texto). Porque ele é uma diretriz exigida por Deus quanto ao *modo* ou *como* seus adoradores devem se aproximar dele quando pisam nos seus átrios (Is 1. 12).

III. SUPERFICIAL E ARTIFICIAL

Professor aqui está uma boa definição de hipócrita: É todo aquele que diz uma coisa, mas sua intenção é outra. *Finge* fazer uma coisa, mas *pretende* fazer outra. É aquele que oculta seu verdadeiro rosto *por*

Embora estas palavras pareçam iguais, o dicionário as define de maneira distinta. *Superficial* é um adjetivo que se refere àquilo que é pouco profundo, sem sinceridade. *Artificial* trata-se de um adjetivo referindo-se àquilo que é produzido pelo artifício ou arte humana, fingido, postiço (Dicionário Eletrônico Michaelis). Assim era a religião dos escribas e fariseus. Jesus alertou sua igreja a se prevenir quanto ao fermento dos fariseus (Lc 12. 1). Por quê? Por causa da hipocrisia (Mt 16. 12; 23. 23;). Hipócrita é a palavra grega para “ator, ou aquele que pretende ser aquilo que não é”. Na tentativa de não se misturar com o mal, os fariseus (daí a origem do nome que significa *separatista*) se tornaram superficiais e artificiais no modo de compreender e praticar a comunhão com Deus. Com isso condenavam os demais “pecadores” só no olhar. Querendo observar a lei acabavam por negá-la duas vezes quando se preocupavam apenas

com a letra e matabam o espírito da lei. No entanto a religião dos fariseus e escribas se tornara vazia porque a moldura de uma comunhão saudável com Deus deve ser o amor ao próximo. O amor ao próximo é uma fórmula incontestável para se reconhecer a verdadeira religião (Jo 13. 35; I Jo 4. 20; 5. 1; I Ts 4. 9). Aquilo que chamamos de expressão de fé sem a verdade do amor ao próximo é tanto uma expressão vazia (superficial), quanto de sentimento carnal (artificial). Não há santificação sem a observância equilibrada da lei (1 Jo 3. 4). A santificação não se dá através de uma experiência inusitada, senão pela compreensão e aplicação ética diária dos preceitos bíblicos. Os fariseus e escribas foram reprovados quando Jesus disse: “... *Se a justiça de vocês não exceder em muito a dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus*“ (Mt 5. 20). Em outras palavras Jesus está dizendo que nossa retidão deve superar a superfície e atingir o cerne da espiritualidade. Deve suplantar a piedade aparente e chegar até a comunhão íntima e integral, mesmo estando longe da família, das esquinas, da igreja, enfim; dos holofotes da sociedade.

IV. CUMPRINDO A LEI SEM SE RELACIONAR COM ELA

Não podemos negar que os fariseus e mestres da lei, duramente criticados por Jesus, não buscavam a santificação. Eles a buscavam, mas estavam inconscientes de que caminhavam para o lado oposto a ela. Eles viam a santidade, ou a prática da verdadeira religião do ponto de vista da prática estrita da lei. J. I. Packer diz que eles *cumpriam a lei, mas não se relacionavam com ela*.² Como é isso? Packer explicou o comportamento do crente na busca da santidade de duas maneiras. Elas estão relacionadas aqui porque, de alguma forma, nos identificamos com elas:

Professor mostre aos alunos que a religião verdadeira encontra sentido completo através da *Lei Aurea*, ou seja, ama a Deus e o próximo de maneira prática (Rm 12.9-21). Veja:

1. Amor sincero
2. Odiando o mau
3. Apegando-se ao que é bom
4. Sofrendo pelo próximo com amor
5. Prefira a honra do outro
6. Seja sempre zeloso
7. Não lhes falte o fervor
8. Olhe para o necessitado
9. Seja hospitaleiro
10. Abençoe o que te persegue
11. Seja simpático
12. Seja imparcial (justo) com todos
13. Fuja do elitismo
14. Fuja da altivez (arrogância)

a) *Ortopraxia Formal e Ortodoxia Verbal*

A palavra *ortopraxia* significa “prática, ou procedimento correto”. E a palavra *ortodoxia* significa uma crença correta. Os *ortopráticos* são meticulosamente honestos nos negócios, cuidadosos na observação de uma liderança masculina na família do ponto de vista bíblico, mantêm retidão e destreza nas leis constitucionais que regem a igreja, são sistemáticos em fugir da aparência do mal e evitar atividades classificadas como mundanas (fumar, beber, dançar, jogar, etc.), sérios observadores e mantenedores da verdade bíblica, acusando os que andam no pecado. Mas quanto ao relacionamento com o próximo eles falham caindo na frieza e no racionalismo impiedoso. A preocupação deles é muito mais na retidão formal da conduta do que na proximidade pessoal com Deus ou com o próximo. Isto se parece com os religiosos dos dias de Jesus? Sim, se identifica com os fariseus e mestres da lei. Porque eles se preocupavam com os detalhes da vida e não com os princípios básicos. Interessavam-se mais nas ações do que nos motivos. Mais no fazer do que no ser. Não que estas coisas não fossem importantes! São muito importantes, desde que haja complemento — se interessar pelo próximo. Paulo faz distinção entre o homem *justo* e o *bom* (Rm 5. 7) sendo que erroneamente chamamos o bom de justo e vice-versa.

▪ O *justo* é íntegro, consciente, imparcial e correto, e; por este ninguém morreria em circunstâncias normais.

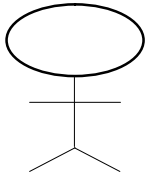
▪ O *bom* é amoroso, caridoso, sociável e generoso. Esse, como resultado de sua influência, alguém poderia até morrer para salvar sua vida. Mas nosso foco deve estar na pessoa justa e não na boa. (J. I. Packer). A lista ao lado é a *lei de ouro* para um relacionamento saudável. Crescimento espiritual saudável deve acontecer no mundo, mes-

² J. I. Packer, A Redescoberta da Santidade, (São Paulo-SP, Cultura Cristã, 2002), p. 145.

mo que não sejamos do mundo (Jo 17. 15-16). Assim como os escribas e fariseus muitos cristãos modernos têm a motivação doutrinária correta (ortodoxia verbal) e um procedimento inquestionável (ortopraxia formal). No entanto, mesmo que estas coisas sejam muito positivas, elas não devem ser as únicas que sobressaem sob o perigo de uma “santificação” à semelhança do que queriam os separatistas dos tempos de Cristo. Pelo contrário, a santificação integral deve acontecer no cotidiano, onde os relacionamentos sociais são inevitáveis e necessários, pois; “embora Jesus quisesse que os discípulos fossem protegidos do mal, igualmente ele não queria que eles fossem retirados do mundo — Jo 17. 14-17” (John Stott).

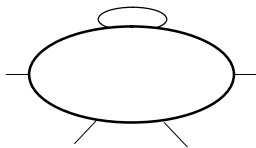
V. CRESCIMENTO ESPIRITUAL DOENTIO³

Pelo menos três tipos de crescimento espiritual equivocado, ou doentio estava presente no entendimento de santificação dos religiosos escribas e fariseus. J. I. Packer descreve estas formas defeituosas a fim de que avaliemos cada uma delas, sendo que não é difícil encontrar estas formatações erradas da santidade em nosso meio.



a) Cabeça grande e corpo pequeno.

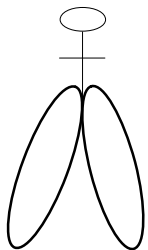
Ao lado temos uma figura com uma cabeça enorme e um corpo fino com membros finos. Ela descreve o crescimento antinatural do cristão, cuja paixão é pela doutrina, como um todo, e cujo discipulado gira em torno da teologia. Esta pessoa está sempre em harmonia com o que é “tecnologia de ponta” no campo teológico. Ela sempre focaliza questões complexas como o cumprimento das profecias, predestinação, questões de arqueologia, mas não está muito preocupada com a experiência, nem muito ativa no serviço ao próximo. Sua cabeça se enche de doutrina, mas seu corpo permanece raquítico e apático ao crescimento espiritual. O crescimento e a busca pela verdade são próprios de quem é nascido de novo, mas é preciso perguntar: Esse interesse é prova de uma vida espiritual saudável? Resposta: Se não houver harmonia com a experiência e com a prática, certamente esse tipo de inchaço doutrinário, poderá até resultar numa explosão altamente negativa. É neste sentido que o saber, distante da experiência e da prática do amor, traz orgulho (Gn 3. 5; I Co 8. 1).



b) Cabeça de alfinete e membros enormes.

Temos aqui uma figura com uma cabeça de alfinete, braços e pernas finas e um abdômen enorme. Ele descreve o desenvolvimento antinatural do cristão que conhece pouco a doutrina e se preocupa muito pouco com ela (daí a cabeça de alfinete), mas que entende o Cristianismo como uma questão de sentimentos constantemente mistos e experiências entusiásticas (daí, o enorme abdômen). Zelosos pela experiência, estes cristãos estão sempre pulando de reunião em reunião, e até de igreja em igreja, nas quais esperam ser aquecidos ao ponto em que o sentimento glorioso de estar na presença de Deus e maravilhado por seu amor é renovado. Para eles, o Cristianismo é quase que só uma experiência, sentimento e entusiasmo. O cristão desta descrição não é muito ativo em tentar transformar o mundo para o Senhor (daí, as pernas e braços finos). Ele está ocupado demais na busca de experiências que não tem muito tempo para isso. É perfeitamente correto e natural que os cristãos desejem ter experiências com Deus. Joseph Hart disse: “A verdadeira religião é mais do que uma noção é algo que deve ser conhecido e sentido”. Mas será que o domínio deste desejo é, nele e fora dele, um indício de uma boa saúde espiritual? Com tão pouca presença da doutrina e da prática? Certamente, não!

c) Cabeça de alfinete e corpo fino, mas pernas enormes.



Isto descreve o crescimento desproporcional do cristão ativista: aquele bom e incansável trabalhador, cujo interesse não está na verdade doutrinária nem nas disciplinas devocionais da vida espiritual, mas em programas, organizações e diferentes tipos de tarefas para mudar o mundo. Certamente, como os fariseus, este tipo de cristão está sempre estribado em sua energia ativista (Lc 18. 9). Como acontece com o cristão da cabeça grande e do abdômen grande mencionados anteriormente (figuras do ponto a e b), assim acontece com este ativista de pernas grandes: sua preocupação é em si completamente cristã. Mas, será que é, nela e fora dela, um sinal de uma boa saúde espiritual? Sem doutrina saudável e sem experiência cristã, certamente não é!

A santidade, ou a saúde espiritual que expressa a religião verdadeira requer interesse equilibrado e tríplice pela verdade, pela experiência e pela ação. Onde esse zelo proporcional não se tornou algo habitual, o desenvolvimento espiritual está desequilibrado, assim como está a vida cristã quando se torna uma questão de observância farisaica da lei sem relacionar-se com ela. Reflita: Quanto de nossas reuniões espirituais tem sido em grande número, contudo de baixa qualidade? Isto reflete o desequilíbrio em termos de pouca doutrina saudável e muito de ativismo vazio. O quadro a seguir ilustra bem a santidade em termos de uma perfeita harmonia entre a ética e o crescimento saudável.

³ Todo este trecho é uma adaptação do capítulo 6 do livro “A Redescoberta da Santidade” de J. I. Packer; (Cultura Cristã, 2002).

| | |
|--|--|
| ESPIRITUALIDADE | Tem a ver com a implementação da comunhão do cristão com Deus — meditação, oração, adoração, autodisciplina, uso dos meios de graça, exercício da fé, esperança e amor, manter a pureza, paz e paciência, buscar e <i>servir a Deus em todos os relacionamentos</i> e render graças e glória a Deus. |
| ÉTICA | Tem a ver com as delineações dos padrões de Deus, a determinação de sua vontade revelada e o desenvolvimento e evidência daquelas qualidades de caráter que constituem a imagem de Deus em nós, que fomos criados para refletir a sua imagem. |
| Espiritualidade sem ética se corrompe e se torna moralmente insensível e sem lei. A ética sem espiritualidade se corrompe e se torna mecânica, formalista, orgulhosa e carnal (J. I. Packer). | |

VI. A VERDADEIRA RELIGIÃO E A JUSTIÇA DO REINO

Salmo 15

A justiça em relação ao próximo descreve a religião integral em termos de:

1. Sinceridade (v. 2)
 2. Retidão (v. 2b, 3)
 3. Veracidade nas palavras
- O crente justo não deve:*
- a. Difamar
 - b. Prejudicar o próximo
 - c. Espalhar comentários

Conclusão: Os que praticam a justiça integral e que vivem em santidade são os verdadeiros habitantes dos céus.

A religião integral interage com a justiça de Deus, porque procede dela. A acusação que nosso Senhor fazia aos fariseus era porque eles só se interessavam por eles mesmos e por sua própria forma de justiça (Mt 5. 20; Lc 18. 11). O resultado disso era o de que eles viviam satisfeitos com sua própria religião egocêntrica. Então o objetivo final dos fariseus não era glorificar a Deus, mas a si mesmos. Isto estava bem patente na forma como executavam suas normas religiosas. Na parábola proferida por Jesus, a oração do fariseu comparada à oração do publicano, ilustra bem este tipo de atitude egoísta (Lc 18. 9). Se o fariseu estava interessado com a justiça, no mínimo, deveria acudir aquele publicano e não tratá-lo com desprezo (Lc 18. 9-14). Porque a justiça verdadeira é orientada para o próximo na medida em que é dirigida a Deus (Lv 19. 18; Mt 19. 19; 22. 37-40; Rm 13. 9). Sproul define justiça de forma resumida, mas abrangente:

“A justiça significa vida correta. Significa tratar as pessoas de modo correto. Significa viver com integridade pessoal. Uma pessoa justa é aquela em quem podemos confiar. Sua integridade é consistente. Não está à venda. Uma pessoa justa é de moral sem ser moralista. É piedosa sem ser legalista. Tem um senso de consideração para com os sentimentos de outras pessoas. Ela quer tratar as pessoas de modo correto, porque tem o grande desejo para agradecer um Deus de amor”.⁵

Esta definição de justiça é uma antítese da visão de muitos crentes nominais hoje em dia. Como a religião dos fariseus, muito da religião moderna está centrada no homem, enquanto a expressão de fé verdadeira se centraliza em Deus. A justiça de Jesus contrasta com a dos fariseus assim:

| DOIS TIPOS DE JUSTIÇA | |
|---|---|
| ESCRIBAS E FARISEUS | NO ENSINO DE JESUS |
| <p>É uma justiça que:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Não consegue satisfazer o coração <ul style="list-style-type: none"> • Por que é formal, exterior e superficial. 2. Não consegue satisfazer a mente <ul style="list-style-type: none"> • Por que se baseia num raciocínio enganoso 3. É de autoria própria. <ul style="list-style-type: none"> • Por que eles eram justos aos seus próprios olhos • Glorifica o ego • Por isso é ostentosa e orgulhosa (Lc 18. 9) | <p>A justiça:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1.1. Satisfaz ao coração <ul style="list-style-type: none"> • Por que é genuína, interior e completa 1.2. Satisfaz a mente <ul style="list-style-type: none"> • Por que está em harmonia com a honestidade. 1.3. É vinda da parte de Deus <ul style="list-style-type: none"> • Por que é a única que sacia o sedento (Mt 5. 6). 4. Glorifica a Deus <ul style="list-style-type: none"> • Por isso é sem pretensão e humilde (Lc 18. 9-14) |

CONCLUSÃO:

1. A justiça do crente vem de Deus e reflete no próximo. Sproul disse: “A justiça tem regras, mas são mais que regras. Se cuidarmos das regras sem cuidarmos das pessoas, falhamos no objetivo da justiça. As regras das Escrituras vêm de Deus precisamente porque ele se importa com as pessoas”.⁴

2. É possível alcançar santidade íntegra numa sociedade profana, lidando com o santo e o comum vinte e quatro horas por dia!

APLICAÇÃO PARA O GRUPO:

1. Em qual dos modelos de crescimento espiritual você se encaixa?

2. O ideal para a santificação integral é o equilíbrio entre o conhecimento do preceito (porque a santificação se baseia em princípios); a experiência cristã (já que a fé também é prática, além de teórica) e uma ação constante, porque a santificação não é contemplação, ela é também ação.

3. Depois deste estudo, como você entende a religião integral? Você pratica a religião de verdade? Veja o padrão da religião que Deus aceita como pura e sem defeito em Tg 1. 27 e o padrão de conduta ética requerida do cidadão dos céus no Salmos 15. Ambos se destinam ao próximo, à medida que se relacionam com Deus. Avalie sua conduta esta semana de acordo com estes requisitos.

© copyright: 2004. Abner Carneiro – revabner@yahoo.com.br

⁴ R. C. Sproul, op. cit., p. 34.